

Justino França

AUTOR DO TEXTO



Leovigildo Duarte Jr.

Professor, Escritor, Cronista e fundador da Associação Pró-Memória



Alexandre França, com a Família. Justino França é o da direita



Justino França

No período de 1880 até 1920, registra-se a presença, crescente e da variada procedência, de imigrantes em Rebouças. Em *Uma História de Sumaré*, Francisco de Toledo, assinala que: “De todos, porém, foram os portugueses e italianos os mais numerosos. O elemento italiano se fixava mais na zona rural e o português, na urbana. Sem dúvida a presença portuguesa era forte, senão pela quantidade ao menos pelo prestígio e pela atuação. O português Alexandre França, que chegou a Rebouças no começo do século e aqui viveu mais de 50 anos, disse que no começo ‘o elemento português predominou’ e só depois chegaram os russos e italianos”.

Justino França nasceu em Vila Nova de Gaia, a terra do famoso vinho do Porto, em Portugal, a 26 de março de 1893, filho de Alexandre França (1870-1963) e de Francisca Pereira França (1875-1939). Veio para o Brasil, com o pai, em um navio da Mala Real Inglesa, no ano de 1904, portanto, com 11 anos de idade. Voltou, em 1905, para sua terra natal, de onde retornou definitivamente em 1906, com seus pais e Ana, sua única irmã, passando a morar no bairro do Taquaral, em Campinas, onde seu pai instalou-se com uma casa de comércio, ramo em que passaria a atuar desde então.

Em 1908 transferiu-se para Sousas, onde montou um bar que só deixou em 1916 quando mudou-se para o distrito de Rebouças, onde passou a trabalhar para Atilio Foffano e Antônio Jorge Chebab, dono de uma máquina de café. Já residia em Rebouças, nessa época, José Vieira, seu cunhado, casado com sua irmã, Ana França Vieira, os primeiros proprietários de padaria no distrito.

Os imigrantes por uma questão natural de garantir a sobrevivência em terra estranha, mantendo seus usos e costumes, tendiam a sacramentar uniões matrimoniais dentro do próprio grupo. No caso de Justino França, ocorreu um caso diverso, não único, mas representativo das várias uniões entre famílias vindas de fo-

ra, acontecendo em nosso passado, onde italianos e portugueses se fizeram representar como novas famílias e como empresários de sucesso.

Conheceram-se em Sousas...

E, no dia 08 de maio de 1918, a filha de Elvira e Carlos Giometti, Maria Adelina Giometti e Justino França, casaram-se; de cujo matrimônio nasceram os filhos: Carlos França (Carlito), Walter França, Mário França, Dirceu França, Mauri França, Maria Aparecida França (Cida) e Cleonice França (Nice).

Em 1920, Justino França comprou a casa de comércio de Alexandre Gnatos, remodelando-a para melhor atender os moradores de Rebouças, denominando-a *Casa Luzitana*, dentro da concepção de artigos em geral, passando a comercializar secos e molhados, fazendas, armarinhos e miudezas, ferramentas agrícolas, cal e cimento, louças e ferragens, calçados e chapéus, e adubos químicos, sendo “Depositário de adubos para lavoura de Fernando Hackradt & Cia.”; e, ainda, “correspondente do Banco do Comércio e Indústria de S. Paulo S/A”. Localizava-se à Rua 7 de Setembro n.º 306 e 312, atendendo pelo telefone 25. Surgia na praça comercial reboucense o dinamismo de França & Giometti.

Como comerciante, nos anos de 1929 e 1930 foi conselheiro da Associação Comercial de Campinas. Mas, não descuidando de outras, dentre as suas diversas atividades, pode-se destacar a ter sido, em sociedade com José Pereira Ramos, pioneiro do cinema em nossa cidade, arte que cuidou com especial carinho, por muitos anos, mesmo com prejuízos materiais.

Na política, foi por duas vezes, Sub-Prefeito de Rebouças: a primeira, de janeiro de 1929 a setembro de 1930, e a segunda, de abril de 1931 a dezembro de 1938, realizando importantes melhoramentos na época: instalação dos serviços de água encanada; calçamento da rua 7 de Setembro e de algumas travessas, fazendo construir

sarjetas nas demais vias públicas. Mas, como era português de nascimento, na época considerado estrangeiro, precisou afastar-se do cargo.

Em 1.º de outubro de 1940, com seus cunhados Plínio Giometti e Natalino Giometti, fundou a Têxtil Giometti França que foi por muitos anos conhecida como GIFRAN, alcançando na mesma década o número de 114 teares, sendo a mais importante indústria da cidade, empregando centenas de trabalhadores. Foi, de certa forma, a matriz da indústria têxtil em nossa cidade, pois dela saíram muitos tecelões, depois empresários a alcançar sucesso no mesmo ramo de atividade.

Por outro lado, destacou-se em atividades sociais, sendo fundador do Aliança Futebol Clube, do Clube Recreativo Familiar Reboucense, tomando parte ativa nos entendimentos que levaram à fusão dessas sociedades, resultando no Clube Recreativo e Esportivo Aliança, ocupando cargos na diretoria dessas agremiações. No esporte, embora não sendo um praticante, contribuiu muito para que ele fosse estimulado, empenhando-se na construção do campo do Aliança (onde hoje é a sede social do Clube Recreativo Sumaré), com gradil,

vestiários e arquibancada coberta, considerado um empreendimento arrojado para a época.

Católico praticante, faleceu em 31 de outubro de 1945, aos 52 anos, confortado pelos sacramentos e cercado por seus familiares. O reconhecimento pela sua atuação veio logo depois, quando em 12 de outubro de 1946, o prefeito de Campinas, Joaquim de Castro Tibiriçá, viria a Rebouças para inaugurar uma nova via pública com seu nome.

Uma década depois, na Sumaré que ele não viu município, o jornal *O Município*, de 29 de julho de 1956, resgatava a breve história da sua vida, fazendo as seguintes considerações: “Como político foi sempre tolerante para com seus adversários, tendo como ideal a grandeza desta cidade que tanto amou. Deu aos filhos educação exemplar que os torna dignos de nossa estima. Entre os traços marcantes de sua personalidade destacamos o espírito de solidariedade humana e honorabilidade. Durante os trinta anos que aqui viveu, foi o estimulador de quase todas as atividades sociais; lutador incansável da causa de nosso progresso, respondeu sempre em primeiro lugar às clarinadas que visavam a solução de um problema local”.



Filhos de Justino França com a esposa Adelina no centro

Folclore Sumareense

Exame de próstata

Jantar festivo no Lions Clube de Sumaré, no final da década de 1980. Os “leões” convidam a autoridade máxima do município, o Prefeito José De Nadai, para participar da solenidade; no banquete, ele senta-se na mesa principal – é o convidado de honra da noite. Numa mesa lateral sentam-se três “leões”, sem as respectivas esposas, que ficaram em outra mesas, dispostos a bater papo e observar de longe as solenidades que ocorrerão durante a noite. São eles: Djacir Sanguini, o “Di”, Renato Ghirardello e Nestor Geraldo Duarte.

Depois do estribilho do Hino da Bandeira, cantando por todos, a solenidade começa. Fala o chefe do cerimonial, fala o secretário, o tesoureiro, o presidente do clube. No final, a palavra é concedida ao Prefeito.

De Nadai é uma pessoa simples, pouco afeita a microfones. É reconhecidamente um bom profissional e boa pessoa. Não está no cargo de mandatário da cidade por acaso; sua vida pessoal e profissional o levou a ser Prefeito e seu trabalho à frente da Prefeitura é reconhecido pela população. De Nadai sabe que seus discursos ficam a dever e por conta disso sente discriminação por parte de algumas pessoas.

Convidado a discursar, por dever do cargo toma o microfone e começa a falar. Deve falar pouco, apenas o necessário para cumprir o protocolo. Na sua oratória simples, ergue a mão para o alto e mostra o indicador, reforçando o assunto focalizado.

Ao ver aquele “dedão” de homem do campo apontando para o alto, o Djacir, que é pródigo em fazer piadas diz para os amigos da mesa:

- Já pensou se o Zé de Nadai fosse médico e tivesse que fazer um exame de próstata com aquele dedo? Nestor e Renato riem.

Pois nesse exato instante o Prefeito olha para a mesa e vê o Renato dando risada. Fica vermelho e nervoso. Julga que o cidadão está rindo de sua fala. Esse momento foi crucial para o que vai acontecer depois. No dia seguinte, logo pela manhã, o Prefeito chama seus assessores e dá uma ordem:

- Exonerem o professor!

Renato era professor efetivo do Colégio Comercial de Sumaré. A assessoria perguntou qual era o motivo. A resposta foi que o funcionário estava rindo, debochando dele durante seu discurso no Lions. Não houve quem demovesse o Prefeito, que não se esquecia do “ultra-je” sofrido na noite anterior.

A exoneração foi feita. Na sequência aconteceu um processo trabalhista movido pelo professor, que se arrastou por anos, por várias administrações.

Anos depois a pendência acabou. E o De Nadai, que já não era Prefeito, ficou sabendo com detalhes do motivo do riso do professor.

Foi por causa de seu dedão.

Alaerte Menuzzo